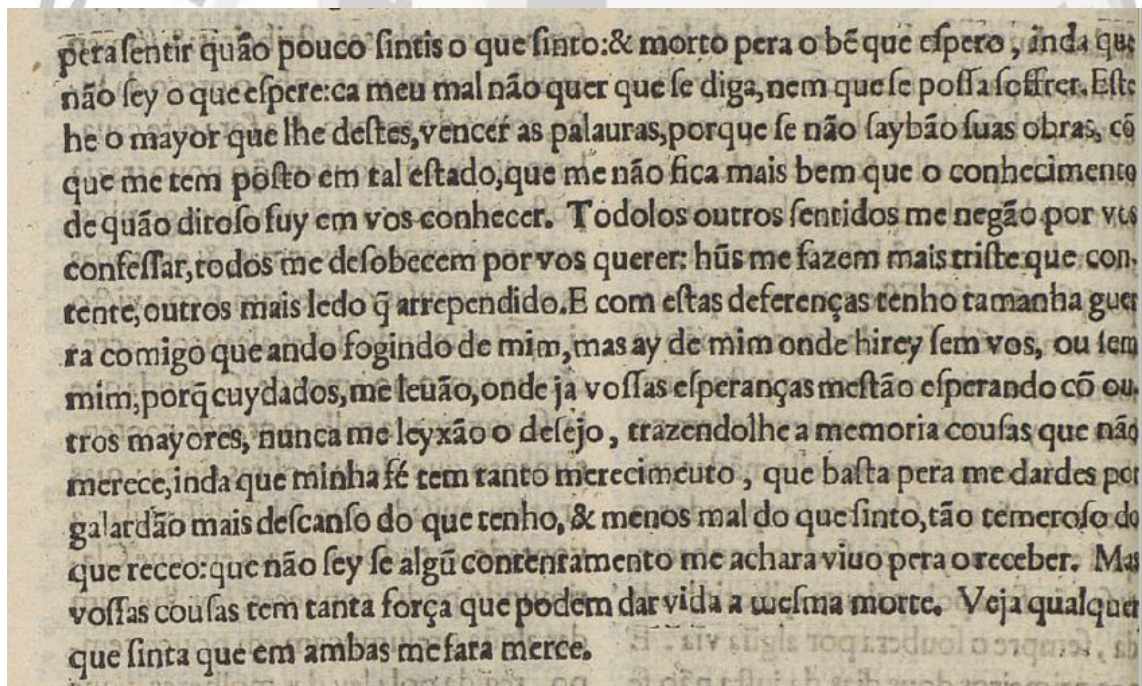
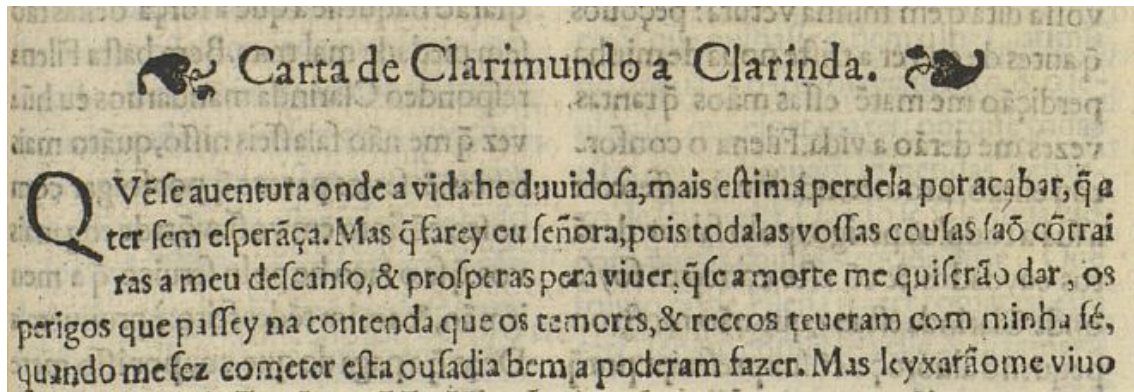




Clarimundo 1601- Carta

Fac-símile

[75r-75v]



Edição paleográfica

[75r-75v] ♣ Carta de Clarimundo a Clarinda ♠ | [*letra inicial ocupando três linhas*] [Q]Vem se aventura onde a vida he duuidosa, mais estima perdela por acabar, que a | ter sem esperança. Mas que farey eu señora, pois todalas vossas cousas são contrai | ras a meu descanso, & prosperas pera viuer, *que* se a morte me quizerão dar, os | perigos que passsey na contenda que os temores, & receos teueram com minha fé, | quando me fez cometer esta oufadia bem a poderam fazer. Mas leyxarãome viuo/ | pera quão pouco sintis o que sinto: & morto pera o



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

bem que espero, inda que l não sey o que espere: ca meu mal não quer que se diga, nem que se possa soffrer. Este l he o mayor que lhe destes, vencer as palauras, porque se não faybão suas obras, com l que me tem posto em tal estado, que me não fica mais bem que o conhecimento l de quão ditoso fuy em vos conhecer. Todolos outros sentidos me negão por vos l confessar, todos me defobedecem por vos querer: hũs me fazem mais triste que contente, outros mais ledo que arrependido. E com estas deferenças tenho tamanha guerra l ra comigo que ando fogindo de mim, mas ay de mim onde hirey sem vos, ou sem l mim, porque l cuidados, me leuão, onde ja vossas esperanças mestão esperando com ou- l tros mayores, nunca me leyxão o desejo, trazendolhe a memoria cousas que não l merece, inda que minha fé tem tanto merecimento (*sic*), que basta pera me dardes por l galardão mais descanso do que tenho, & menos mal do que sinto, tão temeroso do l que receo: que não sey se algũ contentamento me achara viuo pera o receber. Mas vossas cousas tem tanta força que podem dar vida a mesma morte. Veja qualquer l que sinta que em ambas me fara merce.

Edição crítica

[75r-75v] Carta de Clarimundo a Clarinda.

Quem se aventura onde a vida á duvidosa, mais estima perdê-la por acabar que a ter sem esperança. Mas que farei eu, seõora, pois todalas vossas cousas são contrairas a meu descanso e prósperas pera viver, que se a morte me quiseram dar, os perigos que passei na contenda que os temores e receos tiveram com minha fé, quando me fez cometer esta ousadia bem a poderam fazer. Mas leixaram-me vivo pera quão pouco sintis o que sinto, e morto pera o bem que espero, inda que não sei o que espere, ca meu mal não quer que se diga nem que se possa sofrer.

Este é o maior que lhe destes: vencer as palavras porque se não saibam suas obras com que me tem posto em tal estado que me não fica mais bem que o conhecimento de quão ditoso fui em vos conhecer. Todolos outros sentidos me negam por vos confessar, todos me desobedecem por vos querer; uns me fazem mais triste que contente, outros mais ledo que arrependido, e com estas deferenças tenho tamanha guerra comigo que ando fogindo de mim, mas ai de mim! onde irei sem vós, ou sem mim? Porque cuidados me levam onde já vossas esperanças m'estão esperando com outros maiores; nunca me leixam o desejo, trazendo-lhe a memória cousas que não merece, inda que minha fé tem tanto merecimento que basta pera me dardes por galardão mais descanso do que tenho, e menos mal do que sinto, tão temeroso do que receo que não sei se algum contentamento me achará vivo pera o receber. Mas vossas cousas tem tanta força que podem dar vida a mesma morte. Veja qualquer que sinta, que em ambas me fará mercê.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Crónica do Imperador Clarimundo (1601): cartas”, em *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.